



Consumo, Espaço e Memória
Consumption, Public Space and Memory

Guilherme Carrozza*
Andrea S. Domingues**

Resumo:

Pensando a relação entre espaço, acontecimento e memória, este artigo procura expor os processos pelos quais a Avenida Doutor Lisboa, tomada atualmente como centro comercial da cidade de Pouso Alegre, veio se constituindo no embate entre sua posição geográfica e uma lógica de mercado – dinâmica, fluida e fugaz – que produz necessariamente um “trabalho de esquecimento”. Este texto representa os primeiros resultados de uma pesquisa sobre o espaço público e sua relação com o processo de consumo, relacionando espaço, acontecimento e memória no sul de Minas.

Palavras chave: memória, consumo, espaço público, acontecimento discursivo.

Abstract:

Thinking about relations between space, event and memory, this article try to explain the processes in which the Avenida Doutor Lisboa, called nowadays as the commercial center of Pouso Alegre, constituted itself between its geographical position and market logic - dynamic , fluid and fleeting - that necessarily produces a "non-memory work." This text represents the first results of a survey about public space and its relation to the consumption process, working identity process in the relationship between space, event and memory in the South of Minas.

* Pesquisador e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, email: guilhermecarrozza@uol.com.br. Endereço: Universidade do Vale do Sapucaí – Secretaria de Pós-graduação, Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 – Bairro Fátima CEP 37550-000 – Pouso Alegre – MG

** Pesquisadora e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, email: andrea.domingues@gmail.com. Endereço: Universidade do Vale do Sapucaí – Secretaria de Pós-graduação, Av. Prefeito Tuany Toledo, 470 – Bairro Fátima CEP 37550-000 – Pouso Alegre – MG

Keywords: memory, consumption, public space, discursive event.

Introdução

Nesse texto, procuramos compreender como a principal avenida de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais, a Avenida Doutor Lisboa, hoje tomada por lojas e pontos comerciais, veio se constituindo como “centro comercial” da cidade¹, em paralelo à denominação que foi sendo atribuída a Pouso Alegre, em maior âmbito, como centro comercial e industrial do sul de Minas. Interessa-nos olhar para a Avenida Doutor Lisboa em sua textualidade, como espaço simbólico que constitui um determinado dizer sobre a cidade.

Partimos da suposição de que o processo pelo qual se constituiu a referência à Avenida enquanto centro comercial pode ser pensado como um acontecimento discursivo. Trata-se, dessa forma, de tentar compreender esse “*ponto de encontro entre uma memória e a atualidade*” (PÊCHEUX, 1999) como um conjunto de fatos (históricos, enunciativos, administrativos) que vêm constituir o dizer “centro da cidade”, estabelecendo suas relações com o movimento do consumo. Vale salientar que pensamos a noção de consumo como um gesto que se constitui na relação entre sujeitos e mercado (CARROZZA, 2011). Nessa perspectiva, há a necessidade de se pensarem, também, as práticas relacionadas ao comércio, tanto em nível mercadológico, quanto naquilo que representa o político que institui novas possibilidades no espaço da cidade.

Pouso Alegre teve sua origem como um ponto de parada das bandeiras paulistas que seguiam para Minas Gerais. Em 1797, era um pequeno arraial, às margens do rio Mandu, recebia os bandeirantes que descansavam para seguir viagem. Diz-se que o nome se deve ao Governador transferido para a Capitania de Minas, D. Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas que, juntamente ao Juiz de Fora da Campanha, Dr. José Carneiro de Miranda, ao pernoitar no pequeno povoado nomeado de Mandu naquela época, dissera que o lugar devia se chamar Pouso Alegre².

1

Este artigo apresenta resultados de trabalho realizado como participantes do Projeto “*Discurso, Individuação do Sujeito e Processos Identitários – espaço, acontecimento e memória no Sul Mineiro*”, coordenado na Univás pela Profa. Eni Orlandi. Nossa pesquisa se propôs um estudo sobre uma avenida e seu sentido nos processos identitários da região do sul de Minas, onde se localiza a cidade de Pouso Alegre.

² De acordo com a compilação “Pouso Alegre através dos Tempos: sequência histórica.” Do Museu Histórico Municipal “Tuany Toledo”, coordenada por Alexandre Araújo e publicada pela Câmara Municipal de Pouso Alegre.

Em 1810, o arraial foi elevado à categoria de Freguesia. Em 1831, à categoria de Vila e em 1848, à categoria de Cidade. Tais fatos, apontados cronologicamente, já nos possibilitam pensar num movimento que metaforiza o crescimento daquele povoado, que se dá num espaço de tempo de 50 anos, até atingir o estatuto de “cidade”. Assim, não só estes fatos anteriores, mas, principalmente, o que se segue a partir da sua emancipação política, constituem um tecido de dizeres que veio produzindo um determinado sentido para a cidade de Pouso Alegre e sua avenida principal, em particular.

O corpus desta pesquisa é constituído de alguns documentos históricos, fotos e matérias de jornais e revistas que nos apontam para enunciados que, pela repetição, produzem um efeito de série (PÊCHEUX, 1999) que inicia uma “regularização” (cf. ACHARD, 1999). Vale lembrar que tanto Pêcheux, quanto Achard, ao se referirem às noções de “efeito de série” e de “regularização” estão pensando na questão da memória e dos implícitos – os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc. – ou seja, na “condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, *idem*). E é Pêcheux quem ainda chama a atenção para o fato de que essa regularização discursiva “é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória.” (p. 52). Para ele, no acontecimento, há sempre o jogo da memória, ou produzindo a manutenção da “regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula”, ou seja, numa espécie de “negociação” da integração do acontecimento, ou trabalhando numa “desregulação” que vem “perturbar a rede de implícitos” (p. 53).

Gostaríamos de mobilizar tais afirmações de Pêcheux face a uma questão que tem a ver com o espaço e com aquilo que pode caracterizar uma relação dos sujeitos de uma determinada cidade com o que poderia ser considerado seu “centro”. Nosso foco está na compreensão de como, pela história de acontecimentos, um determinado espaço se constitui como o “local onde tudo se encontra”, “onde tudo acontece”.

Antes, porém, é importante destacar que o trabalho com arquivos históricos possibilita-nos a construção de um arquivo – no sentido em que o entendemos na Análise de Discurso – sobre a cidade de Pouso Alegre, que nos permite uma leitura calcada na materialidade dos acontecimentos que a constituíram em determinado modo. Trata-se de pensar, como já foi demonstrado por Guilhamou e Maldidier (1997), na forma como se pode distinguir “o horizonte de expectativas – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo

que realiza uma dessas possibilidades, inscrito o tema em posição referencial.” (p. 165-166)

Propomos, então, uma análise de determinados enunciados que, em conjunto, produzem um lugar temático de significação³ que faz emergirem sentidos ligados ao crescimento, desenvolvimento, modernidade referenciados à cidade de Pouso Alegre, e que também, de certa forma, fazem convergir tais sentidos à sua avenida principal. Nessa perspectiva é que, entendemos, o centro da cidade se constitui, não apenas por ser nomeado dessa maneira, mas principalmente por que, na forma de se dizer a cidade são estabelecidas as formulações que produzem a relação espaço/quantidade/completude.

Isso representa um acontecimento discursivo constituído por uma série de enunciados e fatos ao longo da história da cidade. Trata-se de pensar, dessa forma, numa série constituída por jogos de enunciados; de efeitos de memória; de retomadas e de deslocamentos, que regulam a série do repetível e instauram um determinado sentido para este espaço.

Progresso, desenvolvimento e completude: os sentidos do centro

Começaríamos dizendo que o próprio sentido de centro, referido à cidade, se inscreve num discurso urbanístico que tem, em sua constituição, noções relativas à “organização”, “modernização” e “crescimento” e que, na ordem de um discurso positivista, estabelece suas relações com o progresso. Nessa perspectiva, “tornar-se um centro” significaria “ser desenvolvido” e completo.

Em janeiro de 1900, foi publicado o *Almanack do Município de Pouso Alegre* que ao descrever a cidade, o faz produzindo um efeito de que a tendência ao crescimento é algo presente na sua constituição.

(...) o município de Pouso Alegre [...] essa bella **terra que de anno a anno duplica em população e em commercio** [...]do município de Pouso Alegre, **as suas riquezas naturaes**, a uberdade das suas terras, a sua lavoura e, assim, **attrahir para elle o elemento estrangeiro** que concorrerá, por certo, para a sua maior **prosperidade**. [...] uma cidade como Pouso Alegre, **cujo movimento tende sempre a augmentar** (...) (Almanack, p.82)

(...) não deve, porém, estar longe o dia em que **Pouso Alegre terá**, como terão muitas outras cidades do sul de Minas, **a sua época de prosperidade industrial**: é uma questão de tempo. (Almanack, 1900 .p. 92) (grifos nossos)

³ Fazemos aqui referência à noção de sítio de significação, já apresentada por Orlandi (2004).

É interessante perceber essa “vocaçã⁴” da cidade para o crescimento e progresso, já no ano de 1900. E quando falamos aqui em vocação, pensamos num efeito de sentido produzido por um dizer sobre a cidade, como que “destinada” já a se tornar grande, seja por suas “riquezas naturais”, seja porque cresce “de ano a ano”.

Os recortes apresentados apontam para a cidade de Pouso Alegre como aquela que, pelas suas características, está preparada para receber “o elemento estrangeiro”. Esse sujeito de fora, porém, não viria de qualquer modo. Viria por que lá havia um ambiente favorável para que ali se instalasse e prosperasse. Há, dessa forma, uma “naturalização” do “destino” da cidade, como a que terá, um dia, sua época de prosperidade. Esse ambiente favorável se constituiria, portanto, na possibilidade da produção e do consumo e comercialização daquilo que seria produzido.

_ Cultiva-se na freqüencia da cidade a canna, o fumo, o café e toda especie de cereaes; **exporta-se, além destes productos**, polvilhos, farinha,, queijos, gallinhas, gado e cevados.” (Almanack, p. 93, 94)

O commercio de Pouso Alegre é bastante animado, e gosa de muito conceito na praça do Rio de Janeiro e na de S. Paulo, com as quaes tem suas transacções mais importantes.” (Almanack, p. 94)

(...) Anterior à chegada da ferrovia, **a comunicação entre Pouso Alegre e centros mais adiantados** era feita por duas velhas estradas, onde viajantes cruzavam as distâncias a cavalo, tropas de burro, trole, carroça ou carro de boi, levando passageiros ou cargas. **A cidade vivia praticamente isolada e longe do progresso. A construção da ferrovia em 1895 marcou uma nova era para a história, trazendo novas perspectivas para Pouso Alegre e região.** (Painel do Museu Histórico Tuany Toledo) (grifos nossos)

Dos recortes analisados, podemos perceber uma série se formando em torno do crescimento e da prosperidade que estabelecem, de forma indireta, correlações entre a produção e o consumo da cidade.

- a) Crescimento se liga a “comércio”, à própria cidade e a outras, como São Paulo e Rio de Janeiro;
- b) Prosperidade se liga a “elemento estrangeiro”, “industrial (produção)”;
- c) Progresso se liga a “comunicação”, “centros mais adiantados”, “novas perspectivas”.

A estação de trem, construída em 1895, parece representar um acontecimento marcante na história da cidade, produzindo um efeito de abertura de fronteiras, que viria possibilitar de forma eficaz o progresso da cidade, já que antes disso, ela se encontrava “isolada e longe dele”. Podemos pensar que esse acontecimento inaugura novas

⁴ Estamos utilizando o termo “vocaçã⁴” aqui, procurando mesmo fazer um jogo com os sentidos, seja de no sentido de “estar destinado a”, seja no sentido de que “alguém chama”.

possibilidades de dizeres. Se havia, até aquele momento, apenas a “tendência à prosperidade”, à qual a cidade estava “pré-destinada”, isso se realiza de fato a partir da construção da ferrovia. Interessante perceber que o texto fala de “novas perspectivas para Pouso Alegre e região”. Nesse dizer, a cidade já é colocada, de certa forma, como o centro da região onde se situa, já que ela é nomeada e região representa indefinidamente os outros povoados próximos.

Não por acaso, a estação de trem foi construída no início da avenida principal da cidade, que naquela época era nomeada Avenida do Imperador. Representava essa avenida, uma via de acesso que ligava a Estação de trem à Igreja Matriz da cidade e ao Mercado Municipal, logo atrás da Igreja. Subindo essa via em direção à Igreja encontrava-se a Cadeia Publica.

Da estação, subindo pela **rua principal**, passa-se á cadeia no largo do mesmo nome [...] Subindo do largo da Cadeia e subindo ainda **pela rua principal**, chega-se em frente ao Theatro Municipal. No logar em que se acha o theatro, **a rua tem a largura das grandes avenidas...** (Almanack, p. 83 e 84) (grifos nossos)

Mesmo não sendo referida nos textos como Avenida do Imperador⁵, percebe-se que o que se marca é sua característica de “rua principal”. Cabe perguntar aqui o que significa, para uma cidade do interior de Minas Gerais, no ano de 1900, ter uma “rua principal”. Será que estamos falando apenas de uma questão geográfica, ou podemos supor que o dizer “Pouso Alegre tem uma rua principal”, naquela época, possibilitaria um pilar para o futuro a que estaria “pré-destinada”? É assim que, pensamos, a avenida vai adquirindo textualidade, referenciada à cidade. Não se trata de qualquer rua, mas da “rua principal” que, de certa forma, tem em si uma futuridade: “a largura das grandes avenidas”. E que “grandes avenidas” são essas que, certamente são pensadas na relação das grandes cidades? Mais uma marca de que a cidade já teria, por assim dizer, uma futuridade presente: a de se tornar grande.

Se olharmos para esta formulação também como um acontecimento, é possível, a partir daí, perceber como a “rua principal” deixa de ser principal apenas por uma questão geográfica e passa a ser principal na sua relação com o movimento do comércio que vai se estabelecendo na cidade.

⁵ Cabe chamar a atenção para esse apagamento do nome Avenida do Imperador, num momento em que a república ainda tentava se estabelecer no Brasil. Isso será percebido inclusive nos anúncios analisados. Somente em 1916 é que a Avenida passou a chamar-se Doutor Lisboa.

O Almanack de 1900 apresenta uma seção de anúncios em suas últimas páginas.

Vejamos alguns:

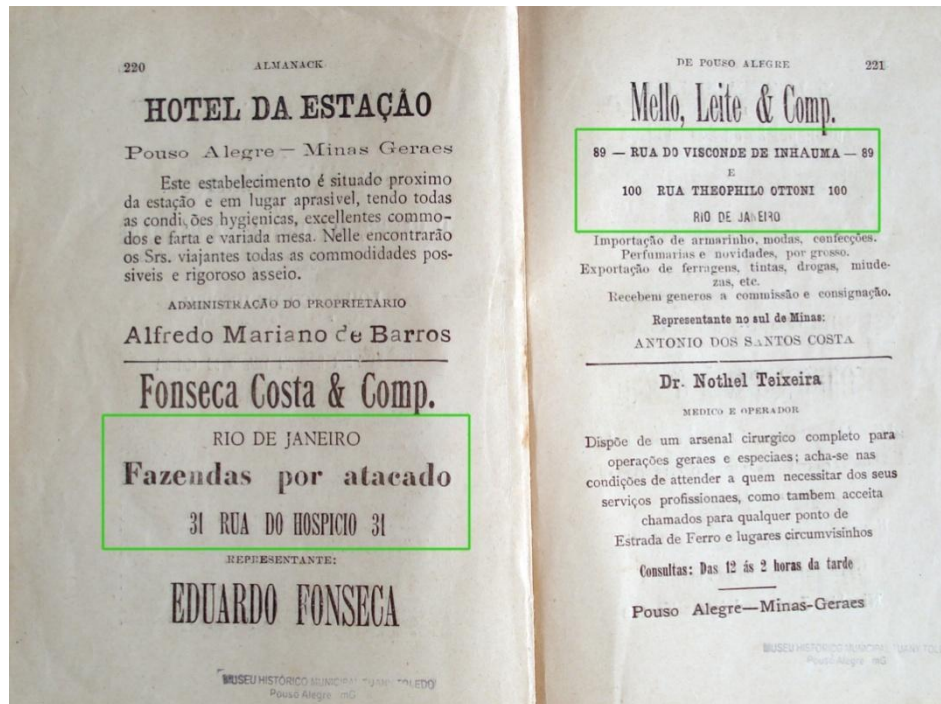


Figura 1 – Fonte: Almanack de Pouso Alegre (1900)

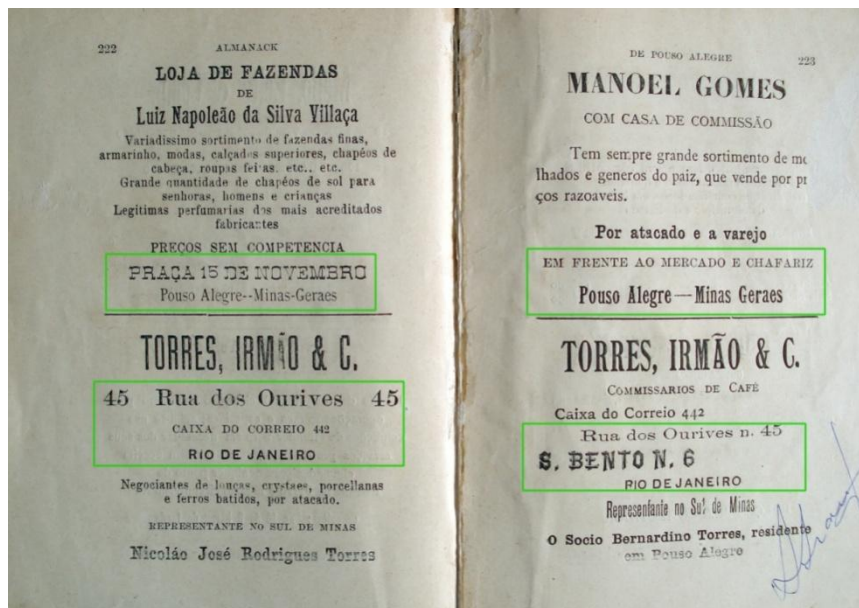


Figura 2 – Fonte: Almanack de Pouso Alegre (1900)

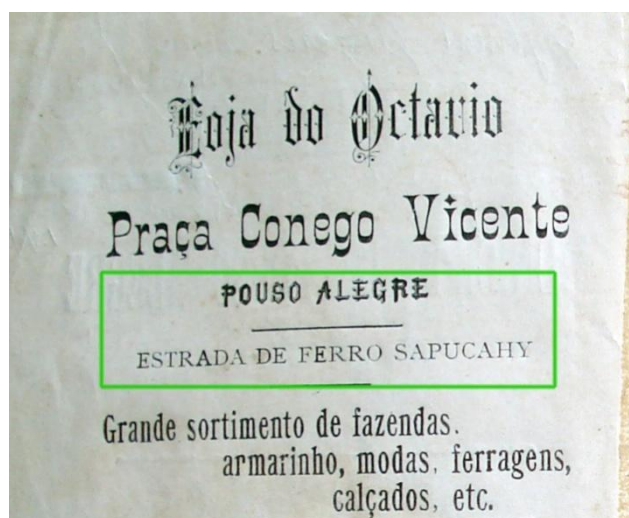


Figura 3 – Fonte: *Almanack de Pouso Alegre* (1900)



Figura 4 – Fonte: *Almanack de Pouso Alegre* (1900)

Das páginas de anúncios classificados do almanaque, num total de seis, pode-se perceber o seguinte:

- são onze anúncios no total, sendo dois de Ouro Fino, quatro do Rio de Janeiro e cinco de Pouso Alegre.
- dos cinco de Pouso Alegre, nenhum deles faz menção a estabelecimento localizado na “rua principal” (Avenida do Imperador). Dos que tem indicação de endereço, dois apresentam a Praça 15 de Novembro e a referência ao Mercado, localizado nas proximidades dessa praça (que ficava do lado de cima da Igreja Matriz).

Esse ponto nos interessa por que, em nossa perspectiva, naquele momento o chamado “rua principal” não tinha ligação com a questão do comércio. A avenida era

“principal” porque representava, geograficamente, uma via de ligação entre dois pontos importantes da cidade.

Em 1931, o Prefeito João Beraldo, propôs um trabalho de “remodelação” da Avenida Doutor Lisboa (nomeada dessa forma a partir de 1916), como pode ser observado no relatório de sua gestão, publicado em 1933.

Quando deputado ao Congresso do Estado, consegui do Governo de Minas, de 1928 para 1929, que se mandasse construir a nossa atual cadeia publica. Dois objetivos tive, então, em vista: **remover do centro da cidade um edifício que ali não ficava bem** e conseguir um grande auxilio para o **desejado prolongamento da nossa linda Avenida**. [...] Essa iniciativa é hoje uma consoladora realidade. Foi esse, sem duvida, um plano inteligente e feliz, do qual resultou: **a construção de uma cadeia nova, em local apropriado [...] dotando a cidade de magníficos e modernos prédios, inclusive um grande hotel**, melhoramento de que tanto se ressentia a nossa cidade [...]; **a desapropriação de um quarteirão para o prolongamento da Avenida Dr. Lisboa [...]** Quando completar a construção da praça e do quarteirão, **ficará a cidade dotada de mais cerca de 20 predios ótimos e modernos. Esse novo quarteirão, além de constituir um trecho que põe em relevo a beleza da nossa cidade, ai ficará como marco de uma época de intenso progresso por ela vivido.** (Relatório de Gestão, Pouso Alegre, 1927-1932) (grifos nossos)

O Prefeito João Beraldo promoveu uma espécie de política de higienização, retirando da Avenida Dr. Lisboa o que, para ele, era “estranho” ao lugar (a cadeia). A retirada da Cadeia Pública de um local que se pretendia “modernizar” representa, na nossa perspectiva, uma política de administração da memória. A modernidade e o progresso não aceitam o “erro”. Assim, só seriam possíveis na ausência total – já que foi demolido – de um prédio que pudesse mobilizar os sentidos ligados à marginalização social. Movimento interessante: tira-se o que representa o marginal na sociedade e, ao mesmo tempo, reforça-se o sentido de centro. Em outra passagem do relatório, salienta:

[...] **E o fruto dessa iniciativa logo surgiu com a apresentação de uma cidade renovada e confortável despertando entusiasmo e a admiração de quantos, dela conhecidos, não a visitavam, há alguns anos, e de quantos a têm conhecido nestes últimos tempos.** (idem) (grifos nossos)

Este acontecimento, ao que parece, abriu novas possibilidades para a avenida, instaurando nela um caráter de modernidade o que surtiu seus efeitos, pelo menos no que relaciona o espaço ao comércio.

Em 1951, 20 anos após essa política de reestruturação da Avenida, outra revista sobre Pouso Alegre – *Revista Acaiaca* – apresenta uma situação relacionada ao comércio bastante diferente do *Almanack* de 1900. Além de trazer anúncios em quantidade maior, percebe-se um deslocamento espacial dos estabelecimentos:

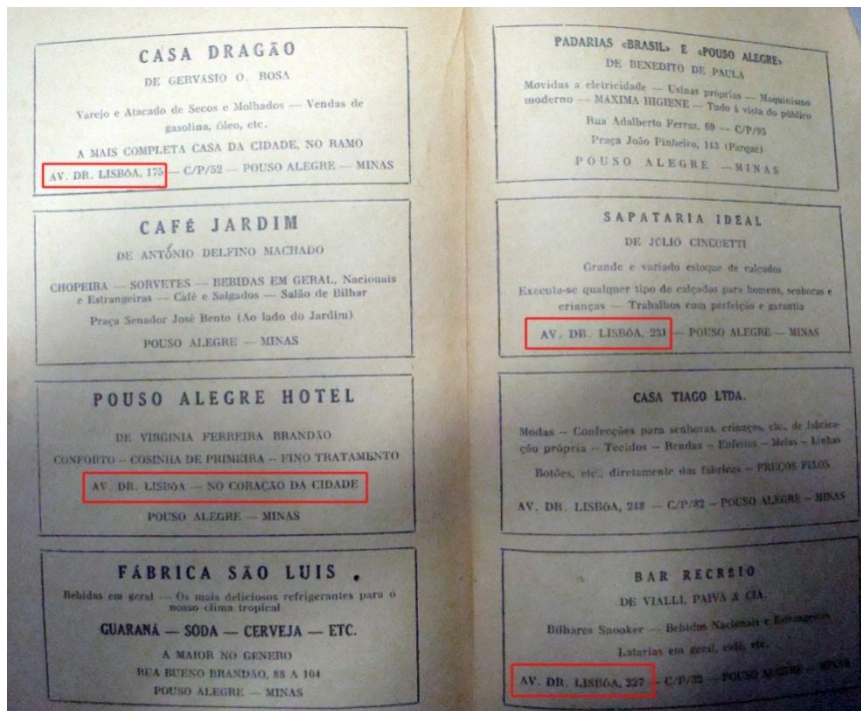


Figura 5 – Fonte: Revista Acaiaca – Pouso Alegre (1951)

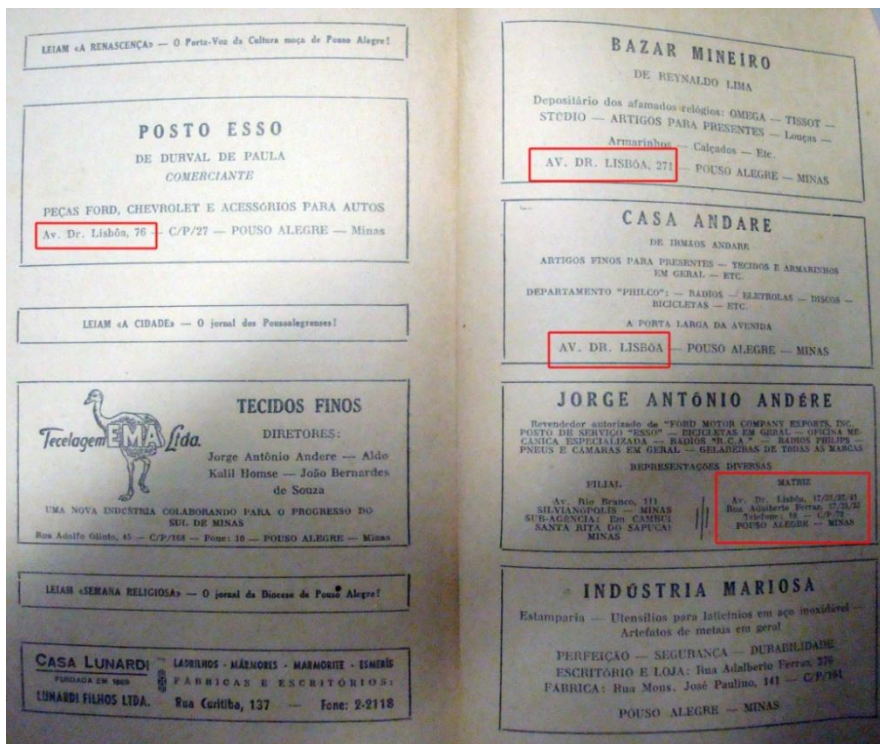


Figura 6 – Fonte: Revista Acaiaca – Pouso Alegre (1951)

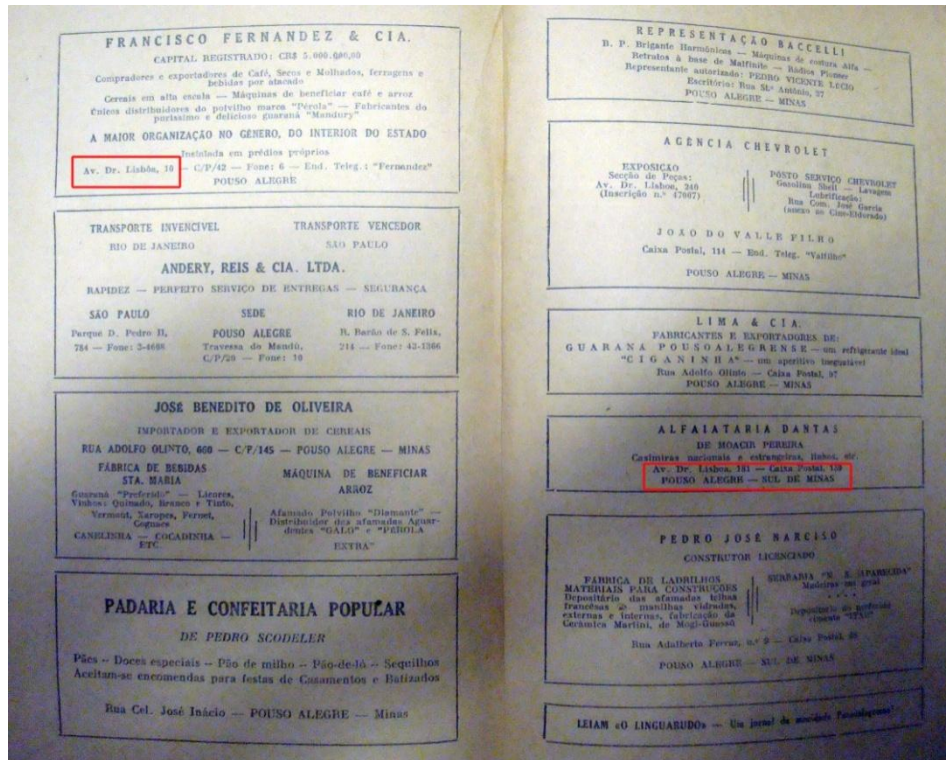


Figura 7 – Fonte: Revista Acaiaca – Pouso Alegre (1951)

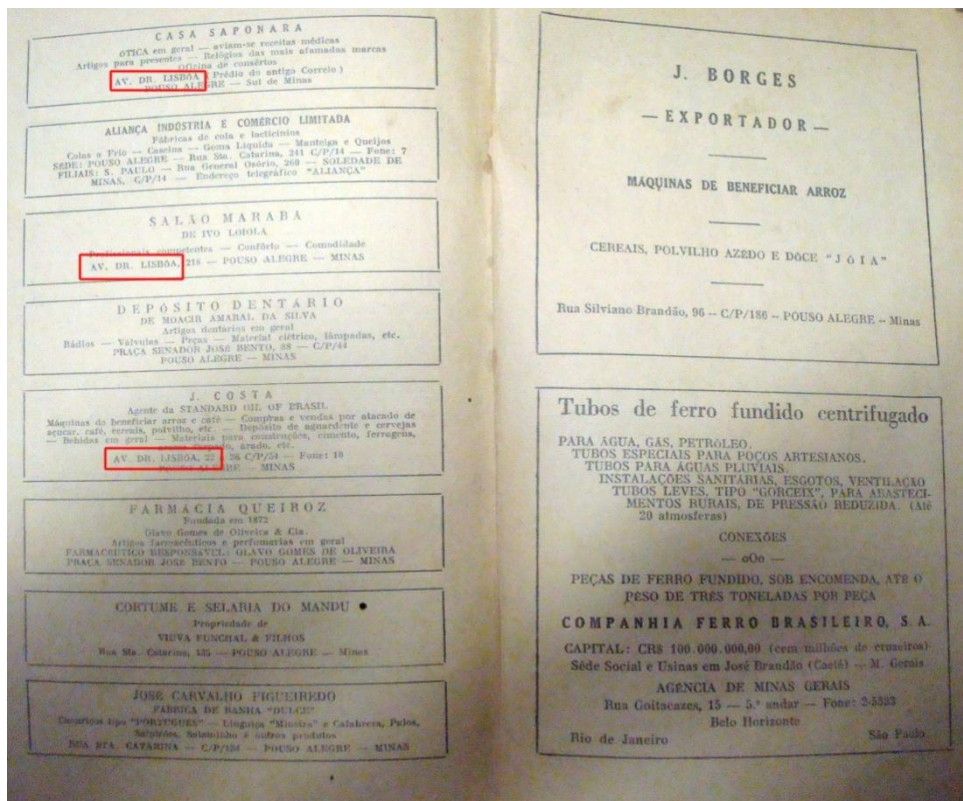


Figura 8 – Fonte: Revista Acaiaca – Pouso Alegre (1951)

Dos anúncios apresentados, grande parte se refere a estabelecimentos instalados na Avenida Doutor Lisboa – 16 anúncios do total de 51 (o restante, de estabelecimentos espalhados em outras ruas e praças da cidade, a maioria delas, próximas à avenida). Essa regularidade de anúncios de estabelecimentos na mesma avenida já nos aponta para a produção de um sentido para ela, como o local onde tudo (ou quase tudo) está.

Dois deles, particularmente, nos chamam a atenção:

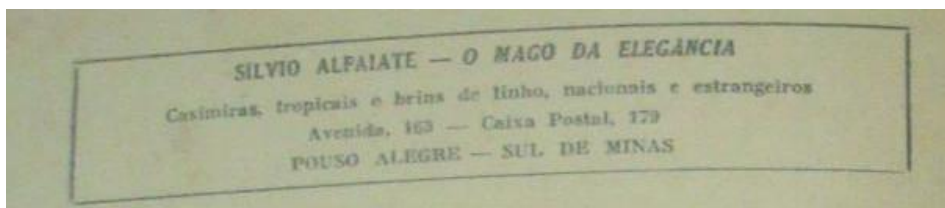


Figura 9 – Fonte: *Revista Acaiaca* – Pouso Alegre (1951)

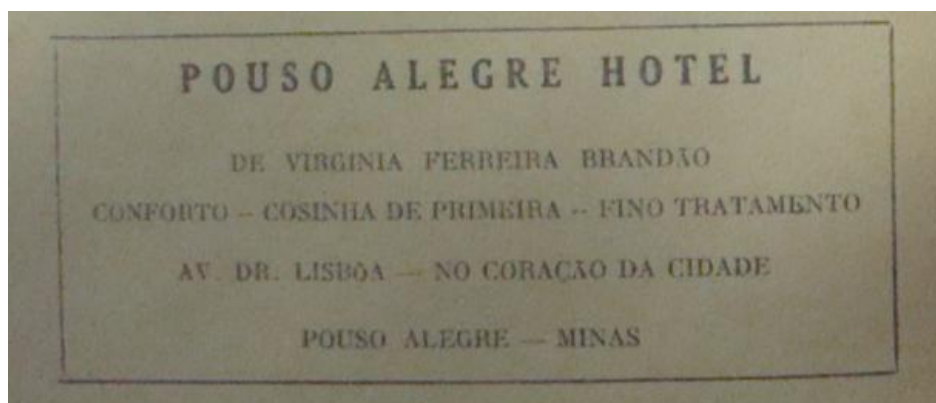


Figura 10 – Fonte: *Revista Acaiaca* – Pouso Alegre (1951)

O primeiro, por se referir à Avenida Doutor Lisboa como simplesmente “Avenida”. O segundo, por acrescentar um sintagma explicativo a ela – “no coração da cidade”.

Nota-se aí um deslizamento que aponta para algo que vimos tentando demonstrar: o efeito de “naturalização” da avenida enquanto centro (referido já ao movimento do mercado).

Pouso Alegre, em 1951, já possuía outras avenidas que foram se constituindo com o crescimento da cidade. Assim, indicar o endereço em um anúncio como simplesmente “Avenida”, poderia se referir a qualquer uma, mas isso não acontece. O sentido é já determinado. No nosso ponto de vista, essa é uma marca de que a Avenida Doutor Lisboa já se constituía, àquela época, como o centro do comércio da cidade.

Trata-se de pensar na Doutor Lisboa como “a” avenida da cidade, ou seja, num trabalho ideológico que a determina.

Aliado a isso, vê-se a designação “coração da cidade” sendo associada à Avenida Doutor Lisboa. “Coração”: o centro do corpo, de onde pulsam as atividades que o sustentam. Corpo parafraseando a cidade. Coração parafraseando o centro.

Algumas considerações

Os acontecimentos analisados nessa fase inicial do estudo apontam para o que podemos admitir como um processo material de constituição da Avenida Doutor Lisboa como centro, que tem estreita relação com o movimento do consumo, pensado a partir de uma discursividade de progresso, prosperidade e modernização.

De rua principal (geográfica) a “coração da cidade” (na relação com suas atividades comerciais), pode-se perceber que esse processo não se deu de qualquer maneira. Na relação entre a “vocação” da cidade e aquilo que se realizou de fato, há sempre que se considerar o que, no movimento do político, instaura o trabalho da política e afeta as condições de produção dos espaços urbanos.

As referências à Avenida Doutor Lisboa, em Pouso Alegre, entre os anos de 1900 a 1950, parecem nos mostrar um movimento que vai configurando uma série temática que produz um processo de determinação, caminhando para um sentido de centro que se descola da questão geográfica e se liga ao comércio.

Com o crescimento da cidade, muitos outros espaços que reúnem centros comerciais foram sendo instalados em seus limites, mas o funcionamento da Doutor Lisboa referenciada apenas como “Avenida” ainda é hoje presente entre os pouso alegrenses.

Referências Bibliográficas

ACHARD, Pierre et al. 1999. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP, Pontes,

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE POUSO ALEGRE – Relatório de Gestão. 1927-1932. Belo Horizonte, MG, Imprensa Oficial de Minas Gerais.

ALMANACK DO MUNICIPIO DE POUSO ALEGRE. 1900. Rio de Janeiro, Casa do Mont'Alverne.

CARROZZA, Guilherme. 2011. *Consumo, Publicidade e Língua*. Campinas, SP. RG Editores

GUILHAUMOU, J. ; MALDIDIÉ, D. *Efeitos de arquivo. A análise do discurso no lado da história*. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). 1997. *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp.

GUIMARÃES, Eduardo. 2005. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2 ed. Campinas, SP : Pontes.

ORLANDI, Eni P. 2002 *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp.

_____. 2002. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas : Pontes.

_____. 2004. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP : Pontes.

_____. 2001. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo : Pontes.

_____. 2004. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4 ed. Campinas : Pontes.

PÊCHEUX, Michel. 1997. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas, SP, Editora da Unicamp.

_____. 2002. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* 3 ed. Campinas: Pontes.

_____. *Ler o arquivo hoje*. p. 55-66. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) 1997. *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp.

_____. 1999. *Papel da memória*, Campinas: Pontes.

REVISTA ACAIACA. 1951. Belo Horizonte, MG, Sem editora.

TOLEDO, Alvarina Amaral de O. 1997. *Uma história que já vai longe...* Niterói, RJ, Gráfica Falcão.

Data de Recebimento: 15/06/2012

Data de Aprovação: 16/10/2012



Para citar essa obra:

CARROZZA, Guilherme; DOMINGUES, Andrea S.. Consumo, Espaço e Memória. RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Autor desconhecido. Avenida Doutor Lisboa. 1930. Disponível em:

<<http://museutuanytoledo.blogspot.com.br/2012/05/avenida-doutor-lisboa-1930.html>>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>